



MAURICIO LOIACONO

A Igreja Ortodoxa no Brasil

MAURICIO LOIACONO
é professor da
Universidade Presbiteriana
Mackenzie.

Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado em realização na Universidade Presbiteriana Mackenzie em Ciências da Religião, sob a orientação do prof. dr. João Baptista Borges Pereira, dentro do projeto "Etnia e Religião no Brasil".

INTRODUÇÃO

Este artigo terá como objetivo maior fornecer ao leitor informações a respeito da Igreja Ortodoxa, dividida ao longo do tempo em uma diversidade de comunidades. Essas considerações abrangem comentários sobre sua história, aspectos doutrinários, diferenças e similaridades com sua co-irmã, a Igreja Latina (Católica Apostólica Romana), além de breve estudo relativo a uma comunidade ortodoxa no município de São Paulo, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio. Essa igreja desvinculou-se do Patriarcado de Moscou, quando no auge da Revolução de 1917, e se manteve sólida no aspecto doutrinário ortodoxo, mesmo fora das fronteiras da antiga União Soviética. É uma igreja voltada inicialmente ao atendimento de imigrantes russos, distante de qualquer prática ecumênica com outros segmentos religiosos, mesmo com outras denominações ortodoxas e que, paulatinamente, vai criando uma abertura ao estrangeiro, porém sempre cautelosa em não macular suas prédicas originais.

O QUE É A IGREJA ORTODOXA?

A igreja constituída sobre a doutrina de Cristo, a partir do ano 33, era toda ela denominada ortodoxa. Entretanto, fatores ligados a questões culturais, dogmáticas, disciplinares, litúrgicas e políticas, entre as partes oriental e ocidental dessa comunidade até então considerada una, levam, entre 1054 e 1204, à ruptura definitiva entre as duas metades, as quais serão assim reconhecidas até o momento contemporâneo: do lado ocidental, a Igreja Católica Apostólica Romana, submissa ao bispo de Roma, e do lado oriental, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Grega, tendo como primaz o patriarca de Constantinopla (atual cidade de Istambul – Turquia), localizada na antiga colônia grega de Bizâncio, posteriormente incorporada a Roma.

Interroga-se, então, por que a Igreja do Oriente manteve a denominação ortodoxa. Para responder a essa pergunta, deve-se compreender o termo grego *orthodoxia*. Essa palavra traduz-se em “doutrina reta”, ou seja, todo o ensinamento deixado por Cristo, sem acréscimos ou subtrações no conteúdo da Sagrada Escritura, na tradição, bem como nos primeiros sete concílios aceitos pela igreja.

Referindo-se à questão da ruptura entre as igrejas, Georges El Hajj, em sua obra *A Igreja Ortodoxa no Mundo*, faz a seguinte reflexão:

“[...] devemos evidenciar que a Igreja Ortodoxa nunca se separou de nenhuma outra Igreja. Ela permanece em linha reta desde Nosso Senhor Jesus Cristo e seus Apóstolos. Jamais se afastou, através dos séculos, da autêntica e verdadeira doutrina ensinada pelo Divino Mestre. Dela separaram-se outras Igrejas, mas ela não se apartou de ninguém ou da linha reta traçada por Jesus Cristo. A Igreja Ortodoxa é uma, ontem, hoje e amanhã – é sempre a mesma” (El Hajj, 1971, p. 63).

A Sagrada Escritura é entendida como a totalidade dos livros bíblicos, Antigo e

Novo Testamento, centrada na pessoa de Jesus Cristo, confirmando em Deus seu único inspirador, o qual veio à humanidade para a transmissão das doutrinas e dos mandamentos.

Por Sagrada Tradição, pode-se entender tudo aquilo que faz referências à verdadeira fé, em um plano harmonioso com as leis divinas, trazidas juntamente com os mistérios pelos ancestrais e crentes que transmitiram aos seus filhos e estes a toda sua descendência. A Sagrada Tradição está de posse pela igreja, estruturada na assembleia de seus fiéis: “a Igreja do Deus Vivo, a coluna e firmeza da Verdade” (*Tim. 3: 15*), sendo considerada o mais antigo meio de divulgação sobre a Revelação Divina. Sobre esse assunto, o protodiácono ortodoxo Jerzy Berkman Karenin, em seu livro *A Doutrina Cristã Ortodoxa*, escreve que:

“O meio mais antigo de divulgação da Revelação Divina foi a Sagrada Tradição, dos tempos do primeiro homem, Adão, até Moisés, não havia Escritura Sagrada alguma. O próprio Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, transmitiu os seus Divinos ensinamentos aos Apóstolos por meio de palavras e de exemplos e não por intermédio de livros. Da mesma forma procediam os santos Apóstolos que divulgavam as Verdades verbalmente, firmando os alicerces da Santa Igreja” (Karenin, 1957, p. 23).

Essa passagem visa a demonstrar a relação entre Sagrada Tradição, Revelação Divina e Sagrada Escritura. E dela, em relação a essa situação, retira-se a seguinte passagem contida em uma epístola paulina: “Então irmãos, estai firmes e retende as tradições que nos foram ensinadas, seja por palavras, seja por Epístola nossa” (*Tess 2:15*).

Sobre os concílios ecumênicos, a Igreja Ortodoxa afirma estar neles a autoridade máxima, pois suas decisões abarcam toda a Igreja de Cristo. El Hajj (1971, p. 141) argumenta que: “[...] a infalibilidade está na própria igreja representada em assembleia por todos os bispos em concílio” (1). Os ortodoxos, diferentemente dos católicos, observam as decisões dos sete primeiros

1 Insere-se aí uma crítica de Georges El Hajj à Igreja Católica Apostólica Romana ao argumentar ser o papa dotado da infalibilidade, ao passo que os ortodoxos admitem a infalibilidade da igreja que se faz representar em concílios através de seus bispos.

concílios, nos quais os bispos em assembleia se insurgiram contrariamente às ideologias heréticas que visavam a desvirtuar a tradição. Essas assembleias foram as seguintes:

- Nicéia I (325) – Contra a heresia de Ário, um monge líbio que por volta de 318 iniciou uma pregação afirmando que o Filho de Deus (Verbo, Logos) não é gerado da substância do Pai, mas é uma criatura criada do nada, embora antes de qualquer outra criatura. Em verdade essa tese maculava o centro doutrinário cristão, porque, se Jesus Cristo não fosse Deus, a Redenção não teria valor e a Revelação Cristã cairia em um vazio. A excomunhão outorgada pelos bispos da Líbia e Egito não intimidou o monge, que continuou com suas pregações, fato que levou o patriarca Alexandre, de Alexandria, apoiado pelo imperador Constantino, o Grande, à convocação de um concílio para ratificar as excomunhões. Em Nicéia reuniram-se então 318 bispos das igrejas orientais e ocidentais entre os quais estavam os representantes do papa São Silvestre, que acabaram por condenar a tese ariana.
- Constantinopla I (381) – Esse segundo concílio universal foi convocado com a finalidade de proceder ao julgamento da heresia de Macedônio, que questionava a divindade do Espírito Santo, atribuindo-lhe as nomenclaturas de “força ou poder”, julgando-o na dependência do Deus Pai e do Deus Filho. Isso consistia em uma das ramificações da heresia ariana. Convocada pelo imperador bizantino Teodósio I, contou essa assembleia com importantes personagens como: São Gregório, o Teólogo, São Gregório de Nissa e Meléio de Antióquia. Os conciliares condenaram a tese de Macedônio, bem como outras ramificações provenientes do arianismo que, apesar de haver sido condenado em Nicéia, ainda encontrava grande força na região oriental.
- Éfeso (431) – Esse concílio foi convocado no governo de Teodósio, o Moço, tendo por escopo o julgamento da tese herética lançada por Nestório, patriarca de Constantinopla, que deu margem às pregações

nas quais afirmava que Maria havia dado à luz o homem Jesus, e que este possuía uma ligação com Deus unicamente de ordem moral. Assim sendo, a Virgem não era a Theotokos (mãe de Deus), apenas Christotokos (mãe de Cristo). O concílio reuniu-se na cidade de Éfeso, para onde Maria teria ido habitar com João, o Apóstolo Bem Amado, após a morte de seu filho na cruz. Nessa assembleia foi condenada a tese nestoriana, confirmando que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, portanto, o título de Theotokos dado a Maria era plenamente cabível, visto o fato de ela haver dado à luz a natureza humana de Jesus Cristo, que, entretanto, é simultaneamente Deus, como Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Após a condenação, Nestório seguiu em exílio para a Mesopotâmia, localidade onde organizou a Igreja Nestoriana separada (Igreja Assírica – rito caldeu) que existe até os dias atuais congregando alguns milhares de fiéis.

- Calcedônia (451) – Esse concílio manifestou-se contra a tese de Eutiques, importante abade de um mosteiro em Constantinopla, denominada heresia dos monofisitas. Procurando erradicar qualquer resquício da heresia nestoriana, esse sacerdote, inimigo declarado de Nestório, deflagra a idéia de a natureza humana de Cristo estar entranhada na natureza divina. A primeira simplesmente deixava de existir, permanecendo no Salvador apenas a última. Sobre essa heresia e sua condenação, afirma textualmente Karenin (1957, p. 154):

“O concílio condenou a heresia dos Monofisitas e deliberou que Nosso Senhor Jesus Cristo é um verdadeiro Deus e um verdadeiro homem; que a sua natureza divina foi gênita do Pai antes de todos os séculos e que sua natureza humana veio ao mundo por intermédio de Nossa Senhora e sempre Virgem Maria, que foi escolhida para ser a mãe do salvador pelo Eterno Pai. Desta forma, Jesus Cristo Homem nasceu na terra em tudo igual a qualquer um dos homens fora o pecado”.

O concílio de Calcedônia ocorreu na gestão imperial de Marquiano. Todavia,

algumas igrejas adotaram a tese eutiQUIANA, seguindo com sua doutrina até o presente momento, como no caso da Igreja Ortodoxa Armênia.

- Constantinopla II (553) – Essa Assembléia teve sua convocação por ordem do imperador Justiniano I, objetivando a resolução dos litígios gerados em torno dos livros escritos por: Teodoro, Teodoreto e Iva, membros da Igreja Síria, que estava sob a jurisdição do Patriarcado de Antióquia. Tais obras foram inspiradas nos ensinamentos heréticos de Nestório, comprovando que suas teses ainda eram respeitadas por membros do corpo eclesiástico do Oriente, sendo portanto consideradas um perigo para a alma dos fiéis. Os escritos de Teodoro foram condenados por essa razão, mas o autor não aceitou tal condenação e persistiu fiel às suas teses até a sua morte.

- Constantinopla III (680) – O imperador Constantino Pogoniatto ordenou a convocação desse concílio no intuito de questionar e condenar a tese herética dos monotelistas, também reconhecida como *monoenergismo* ou *Thelema* (2). Em verdade essa tese fora uma idealização do patriarca Sérgio de Constantinopla (610-638) que, procurando resgatar as igrejas que haviam adotado o monofisismo herético após sua condenação em Calcedônia, a exemplo das igrejas Copta, Armênia e Síria, cria um meio-termo entre o monofisismo e o duofisismo ortodoxo, enveredando por uma nova heresia.

- Nicéia II (787) – Esse concílio foi convocado para derrubar a lei contra a veneração das santas imagens (ícones) nos templos, promulgada pelo imperador bizantino Leão III, o Isáurico. Essa lei visava a combater a influência excessiva que os monges tinham sobre o povo. A esse respeito encontra-se, na obra *Pequena História das Heresias*, de João Ribeiro Jr., a seguinte descrição:

“Desde 717, reinava em Constantinopla o imperador Leão III, o Isáurico (717-741), [...] desejando combater a influência excessiva dos monges [...] proibindo o culto dos ícones, considerado como ato idólatra. Leão III foi apoiado pelos Monofisitas, que

entendiam que pintar ou esculpir a imagem de Jesus Cristo equivalia separar-se dele a natureza humana da natureza divina, fomentando-se, conseqüentemente, a heresia nestoriana” (Ribeiro Jr., 1989, p. 58).

O sucessor de Leão III, Constantino V, o Sujo (741-775), manteve a proibição do culto, resultando disso uma série de protestos por parte dos religiosos e, conseqüentemente, perseguição das autoridades de Estado em relação a estes. A paz somente é restaurada no reinado de Leão IV (775-780), após a imperatriz Irene haver convocado o concílio que iria condenar o iconoclasmo como heresia e restaurar o culto dos ícones nas igrejas fiéis ao Concílio de Calcedônia (3).

A questão dos ícones como objetos de devoção centrais dos ortodoxos será focalizada adiante.

As heresias, há pouco destacadas, quando se tratou dos primeiros sete concílios, foram produtos e produtores de cisões internas na Igreja Oriental. Todavia, essas discussões não foram suficientemente fortes para a desestruturação da unidade cristã, que só sofrerá a forte ruptura nos anos citados no início deste artigo.

O CISMA ENTRE A IGREJA ORIENTAL E A IGREJA OCIDENTAL

Se for feita uma análise sobre a ruptura da Igreja Cristã, muitas serão as causas a serem apontadas. Dentre essas situa-se um problema fundamentado no dogmatismo, que se revela como elemento central para a quebra da unidade preconizada pelo Deus que se fez Homem – uma ferida a qual nunca foi devidamente cicatrizada – o *Filioque* (4).

O problema pode ser assim resumido: “O Espírito Santo procede do Pai e do Filho”. Tal acréscimo foi incorporado no sínodo de Toledo (século VI). O antigo texto do I Concílio de Nicéia (325) afirmava que a origem do Espírito Santo está apenas no Pai.

2 Termo grego que se traduz por “uma só vontade”.

3 Enfatiza-se que no Ocidente ocorreram controvérsias a respeito do culto das imagens, uma vez que o termo grego *proskynesis*, que se traduz por “veneração”, foi traduzido pelo monge escocês Alcuino como “adoração”. Isso levou o rei dos francos, Carlos de Herstal (Carlos Magno) (742 – 814), a não aceitar a decisão tomada no II Concílio de Nicéia. Supunha o monarca que o II Concílio Nicênico ensinava a adoração das imagens, portanto era digno de repúdio da Igreja no Ocidente. Essa suposição do maior entre os governantes germânicos era que os famosos “Quatro Livros Carolíngios” tinham por pretensão formular a doutrina oficial do Ocidente em uma oposição à bizantina. Essa era a vontade de Carlos Magno, sem haver sido feita uma consulta prévia ao papa em Roma. Este se vê então acuado, permitindo aos teólogos da casa real como ao próprio imperador o poder de decisão sobre tão polêmico assunto. Posteriormente, o papa Adriano I (772-795) indicou-lhe a exata tradução da palavra bem como as diferenças que o concílio demonstrou entre adoração e veneração, pondo fim a essa longa discussão.

4 Expressão latina que designa que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Acrescentada ao Credo de Nicéia. O *filioque* constitui um dos elementos de litígio entre as igrejas de Roma, que adotaram essa fórmula, e a de Constantinopla, que a rejeitou, subtraindo-a de sua confissão de fé.

A resolução de Toledo foi considerada grave ofensa à Igreja Oriental que, fiel às considerações nicênicas, julgou essa incorporação errônea pelos seguintes motivos:

1) para os padres do I Concílio de Nicéia, favoráveis ao texto original no qual o Espírito Santo tem sua procedência apenas do Pai, uma vez ter sido ELE, primeiro de tudo, pessoal – Pai, Filho e Espírito Santo – antes de ser Essência Divina Única. Esse acréscimo foi considerado uma divergência doutrinária muito grave, no tocante à natureza de Deus;

2) esses mesmos padres não concordavam com o fato de o sínodo de Toledo haver se reunido e criado essa fórmula doutrinal sem levar em conta a opinião dos prelados orientais. Recorde-se que um concílio ecumênico é a representação da igreja em seu universalismo, portanto um sínodo local não poderia alterar uma decisão conciliar que havia congregado os dois lados da Igreja.

No ano de 1014, o *Filioque* foi incorporado oficialmente à liturgia latina, fato esse que apressaria ainda mais a cisão entre as duas metades. No pontificado do papa Leão IX, dirigiram-se a Constantinopla delegados papais que entregaram ao patriarca Miguel Cerulário na Catedral de Santa Sofia a bula de excomunhão que acusava os orientais, entre outras coisas, da não-adoção do celibato para clérigos e, principalmente, de haverem subtraído o *Filioque* de sua profissão de fé. Após receber essa bula, Cerulário fez outra, excomungando os delegados papais. Era o ano de 1054. A ruptura sacramenta-se quando, em 1204, os cavaleiros da IV Cruzada invadem e saqueiam Constantinopla. Tal situação irá permanecer até 1261, quando esses cavaleiros são derrotados e expulsos da cidade. A ortodoxia proibida durante esse período é restabelecida (5).

A Igreja Ortodoxa, diferentemente da Igreja Católica Romana, tem sua atuação inserida em um abstracionismo plenamente místico, voltada à contemplação, resgatando atores da Igreja Primitiva que, além de Cristo e seus Apóstolos, elenca grandes

personalidades no contexto patrístico, onde se destacam Santo Antão do Egito, Orígenes, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, Máximo, o Confessor, Simeão, o Novo Teólogo. Observa-se, no que se refere ao catolicismo romano, uma situação diversa, estabelecida no pragmatismo e numa ordem mais legalista, o que acabou por encaminhar essa igreja a uma tendência para a secularização. Isso se explica pelo motivo de a igreja no Ocidente haver adequado a doutrina cristã à legislação romana em vigência no império. Citando Losski, em sua obra *Oração e Santidade na Igreja Russa*, Elisabeth Behr-Sigel afirma que:

“Se a Igreja não conheceu há vários séculos grandes movimentos teológicos, comparáveis aos da Escolástica, da Reforma e da Contra Reforma, é certo que nela os focos de vida santa nunca se extinguíram. A sua imobilidade não foi entorpecida em fórmulas arcaicas, mas ao contrário, muitas vezes foi sinal de contemplação ardente, de espera, cheia de esperança e amor, da parusia do Senhor, de vida espiritual autêntica, mas oculta aos olhos do mundo e de uma sociedade que procuram só fins utilitários e temporais” (Losski, 1944, apud Behr-Sigel, 1993, p. 22).

A LITURGIA NA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA

A missa na Igreja Ortodoxa caracteriza-se pela força de sua liturgia, toda ela feita em canto a capela, tentando levar o assistente a se inserir em uma aura plena de contemplação, no sentido de o crente ter uma percepção da presença de Cristo na sublimidade daquele momento. Repleta de manifestações simbólicas, a missa ortodoxa divide-se em quatro partes:

- 1) o instante inicial é marcado pela preparação da missa e inclui procissão do Evangelho. É o símbolo da vida oculta de Cristo;
- 2) o segundo momento vai da procissão do

5 Devemos destacar que a latinização imposta pelos cruzados que invadiram Constantinopla não colocou a termo a doutrina em retidão. A ortodoxia sobreviveu durante toda a ocupação latina, evidentemente, não na capital bizantina, mas no exílio, em Nicéia. Em 1208, um sínodo confirmou como patriarca Miguel Autorianos, que vinha chefiando a Igreja Ortodoxa em solo niceniano desde 1205. No momento da invasão latina, o patriarca era João X Camaterus, que se refugiou na Trácia, recusando o convite de fixar-se em Nicéia, fato este que levou Autorianos a assumir-se como primaz da Igreja Ortodoxa exilada.

Evangelho até o ofertório; é a ritualização da vida pública de Cristo;

3) a terceira parte envolve desde a procissão do ofertório até o instante pós-comunhão, representação do padecimento de Jesus (paixão e morte);

4) a parte final compreende a comunhão até o encerramento do culto. É a expressão simbólica da vida gloriosa de Cristo.

Os ritos

O rito bizantino é composto por três liturgias: a de São Basílio Magno, a dos pré-santificados e a de São João Crisóstomo, sendo o mais habitual o de Crisóstomo, patriarca de Constantinopla. A liturgia de São Basílio Magno tem sua celebração dez vezes ao todo em um ano, ou seja, nos cinco primeiros domingos da Quaresma, Quinta-Feira e Sábado Santos, e também na Festa de São Basílio, comemorada em 1º de janeiro, e nos dias precedentes às festas da Natividade e Epifania, realizadas no dia 6 de janeiro. No tocante à liturgia dos pré-santificados, salienta-se que não se trata de uma missa mas, sim, de um solene rito de comunhão que se une à celebração das Vésperas e que ocorre durante o ano cerca de 19 vezes, principalmente nas quartas e sextas-feiras da Grande Quaresma. Na liturgia de João Crisóstomo (±404) (6), ganha destaque a *epiclese*, invocação do Espírito Santo sobre os dons eucarísticos. Pedro Arbex, no livro *A Divina Liturgia Explicada e Meditada*, revela o seguinte:

“A Igreja Ortodoxa, baseada em certos textos dos Santos Padres, afirma que a transubstanciação se efetua pela *epiclese*, e não pela consagração. E para reforçar a importância da primeira acrescentou no século XIII, logo após a consagração, o tropário ao Espírito Santo: ‘Senhor que na hora terça enviastes...’ que se reza habitualmente na quaresma na terceira hora do ofício” (Arbex, 2000, p. 82).

O ritual marca-se também pela característica vistosa das vestes litúrgicas e

insígnias usadas pelas autoridades eclesásticas, sacerdotes e auxiliares diretos do culto. Segundo as informações contidas em um pequeno missal bizantino com explicações sobre a liturgia, organizado por Mihail Sabatelli, que teve a preocupação em citar e explicar minuciosamente as alfaias e as insígnias usadas na missa, tem-se o seguinte quadro:

- *esticháron*: longa túnica correspondente à “alva” latina. O *esticháron* do sacerdote tem mangas estreitas, em geral é de seda e de cores claras. O *esticháron* usado pelo diácono e pelos ministros inferiores tem mangas curtas e amplas. O tecido costuma ser igual, ou parecido, ao paramental usado no dia; é ornado com galões;
- *epitrachilion*: é a estola sacerdotal cujos dois lados descem unidos no peito até quase os pés. É do mesmo tecido dos paramentos e está ornada com seis cruzinhas;
- *oráron*: é a estola diaconal. Uma longa faixa ornada com várias cruces ou com a palavra “santo” escrita três vezes. Fica presa por um botão no ombro esquerdo do diácono, tem uma extremidade que desce livre pelas costas e a outra é habitualmente segurada pela mão direita do diácono;
- *faixa*: o *esticháron* e o *epitrachilion* são segurados e ajustados na cintura por meio de uma faixa usada como cinto. É do mesmo tecido dos paramentos e no meio está ornada com uma cruz;
- *epimaníka*: são duas sobremangas do mesmo tecido dos paramentos, ornadas com uma cruz. Servem para segurar e prender as mangas do *esticháron*;
- *epigonátion* ou *hipogonátion*: losango de tecido bordado, usado pelos bispos e pelos sacerdotes revestidos de alguma dignidade eclesiástica. Usa-se a tiracolo, descendo livre até a altura do joelho direito. Simboliza a espada da Palavra;
- *felônion*: é a casula oriental que se coloca em cima do *esticháron*. O *felônion* tem nas costas uma cruz grega como ornamento e, mais embaixo, uma estrela de oito pontas. Ele simboliza a luz e a força com as quais Deus envolve o sacerdote;
- *sakkos*: os bispos, em lugar do *felônion*

6 A liturgia de São João Crisóstomo é praticamente igual à de São Basílio Magno, sendo esta diferenciada nas orações sacerdotais rezadas, que são em voz baixa.

sacerdotal, usam um paramento chamado *sakkos*, muito parecido com a dalmática usada pelos diáconos latinos;

- *mitra* ou *coroa*: cobre a cabeça nas celebrações pontificais. Tem forma esférica ou ligeiramente quadrilobada; ricamente bordada, a coroa tem em cima uma pequena cruz. Entre os russos, além dos bispos, também os sacerdotes insignados de alguma honorificência usam a coroa. Sua origem deriva da coroa usada pelos imperadores bizantinos;

- *omofóron*: larga faixa que o bispo leva em torno do pescoço. Ornamentada com cruces, leva bordada a figura de um cordeiro ou a imagem do Redentor. Quer simbolizar a ovelha tresmalhada que o Bom Pastor (Jesus) traz para o aprisco (a igreja);

- *diquirotiquira* (palavra composta de *dikirion* e *trikirion*): são dois pequenos castiçais, um de duas velas e outro de três. O primeiro simboliza as duas naturezas em Jesus Cristo, o segundo as três pessoas da Santíssima Trindade. São usados pelo bispo em cerimônias pontificais;

- *báculo pastoral*: difere daquele latino pois é mais curto e termina, no alto, com dois braços formados por duas serpentes que se defrontam, alusão à prudência com que o pastor deve guiar o rebanho;

- *rasson* ou *riassa*: é um hábito de coral de cor preta. Possui mangas amplas e os eclesiásticos a usam também para celebrações em que não é exigido o uso do *esticháron*;

- *mandýas*: ampla capa com a qual se revestem os bispos em ocasião de uma entrada solene. Também os monges usam um tipo de *mandýas*, mas é completamente preta;

- *skoufa kamilávchion*, *klobuk*: é uma espécie de chapéu cilíndrico com diâmetro superior ligeiramente maior do que o de baixo. É usado pelo clero e pelos monges. As diversas formas peculiares dão a cada modelo um nome diferente. Os monges e outros dignitários usam, por cima do chapéu, um longo véu preto que cai dobrado pelas costas. Os metropolitanos russos e alguns patriarcas de igrejas ortodoxas costumam usar o véu de cor branca;

- *cruz peitoral*: é usada pelos bispos e por outros dignitários eclesiásticos. Entre

os russos a cruz peitoral é usada por todos os sacerdotes indistintamente.

- *panagia* ou *encólpion*: medalhão com a effigie do Cristo Pantocrator ou da Virgem Mãe de Deus (Panagia). É usado pelos bispos e arcebispos em número de um ou dois (Sabatelli, 1995, pp. 14-5).

Os ícones

Um dos principais aspectos da devoção ortodoxa encontra-se nas santas imagens, conhecidas também como *ícones*. Diferentemente das igrejas latinas, que têm em seus templos a presença de imagens esculpidas, a Igreja Ortodoxa só admite imagens pintadas a partir de determinado padrão, que irá diferenciá-las das pinturas comuns, mesmo as de temática religiosa.

Sobre o ícone ou imagens pintadas, Thomas Kala, no seu opúsculo *Meditações sobre os Ícones*, fornece a seguinte informação:

“A palavra ícone (do grego *eikon*) significa imagem. Embora às vezes os mundos da arte e da moda apoderem-se dela e a façam designar uma figura artística, a palavra ainda significa pinturas religiosas em geral, quase sempre em retábulos de madeira no estilo bizantino, que são principalmente de origem grega ou russa e têm lugar proeminente na vida e no culto religioso das igrejas ortodoxas orientais. [...] Na liturgia das igrejas orientais, os ícones desempenham um papel mais significativo do que o das estátuas no rito romano. Como se acredita que por seu intermédio os santos exercem seus poderes benéficos, os ícones governam todos os acontecimentos importantes da vida humana e são considerados poderosos instrumentos de graça” (Kala, 1995, p. 9).

Para se pintar um ícone, existe toda uma preparação especial tanto por parte de quem irá realizar o trabalho – no caso, o iconista – como do material que será empregado. Preconiza-se que o iconista deva ser reconhecidamente uma pessoa de caráter ilibado, um ser pleno na fé. A maioria dos pintores

das santas imagens eram e são, em geral, monges, entretanto, não existe regra que impeça que esse trabalho possa ser feito por um laico, desde que observadas certas regras fundamentais para essa empresa considerada sagrada: dias de jejum alimentar, abstinência sexual e não ingestão de bebidas alcoólicas, entre outras imposições. No trabalho de Maria Donadeo, *Ícones – Imagens do Invisível*, no qual é citado L. Duchesne, encontra-se uma breve alusão de como deve ser o caráter de um iconista:

“O pintor de ícones deve ser humilde, dócil, piedoso, pouco falante, não zombador, não briguento, não invejoso, não beberrão e não gatuno, deve conservar a pureza da alma e do corpo” (Duchesne, 1920, apud Donadeo, 1996, p. 46).

O material a ser usado nessa pintura deve ser de origens animal, mineral e vegetal, tais como: madeira, água, argila, ovos e terra colorida. Todos esses elementos devem ser empregados em seu estado natural, após sua elaboração e purificação. Existe, nesse caso, uma interação da pureza do iconista com a pureza do material a ser trabalhado, pois a pureza plena deve ser um elemento constante, uma vez que, ao se entregar à tarefa de pintar, a pessoa estará em ligação direta com o Divino, transcendendo o mundo materializado. Ao empreender tal tarefa, a pessoa recebe da Onipotência e dos Santos a inspiração para a conclusão de uma arte cuja origem está nas dimensões paradisíacas. O ícone é considerado uma das maiores manifestações da tradição da Igreja Ortodoxa, tal qual as tradições escritas e orais.

Bernard Sartorius, na sua excelente obra *A Igreja Ortodoxa*, menciona sobre essa tradição o seguinte:

“O ícone transmite o conteúdo da Sagrada Escritura não sob forma de um ensino teórico, mas de maneira litúrgica, isto é, de um modo vivo, dirigindo-se a todas faculdades do homem. Transmite a verdade contida na Escritura à luz de toda a experiência espiritual da Igreja, da sua tradição” (Sartorius, 1982, p. 105).

Um iconista jamais assina seu trabalho, visto tratar-se de uma obra inspirada, “uma janela do Paraíso”, não devendo nunca ser entendida como algo estático. É uma obra que expressa vivo exemplo de conduta espiritual para o cristão que, frente a ela, faz suas meditações, obrigando-se a compreendê-la como a santidade do mundo futuro do qual ele será participante. No livro *A Senhora da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil*, em um capítulo que faz referências às sagradas imagens, os autores concluem:

“A imagem iconográfica, em sua conceitualização religiosa, atua como mediadora e auxiliadora, harmonizando o homem e sua permanência na terra, no sentido de ele fazer uma melhor escolha dos caminhos que deve seguir por aqui, neste estágio da vida biológica, que será a luz que o conduzirá ao Pai Celestial após sua morte corporal” (Camino & Loiacono, 1996, p. 156).

Nos templos ortodoxos os ícones ficam dispostos na iconostase (7), visíveis aos fiéis e alvo de constante invocação à oração.

Os fiéis ortodoxos têm uma ligação bastante íntima com essas santas imagens, sendo acostumados a isso desde a infância. Dos padres e de seus familiares recebem toda a informação reveladora dessas representações de vida exemplar. Ao adentrarem em um templo, os ortodoxos não fazem a tradicional genuflexão mas, ao se aproximarem dos ícones expostos, inclinam a cabeça, fazendo o sinal-da-cruz sobre o peito uma ou três vezes e tocando o chão com a mão direita. Depois de orarem, dão um ósculo respeitoso, inicialmente na imagem de Cristo, localizada sempre no lado direito, e depois na da Virgem Maria, posicionada no lado esquerdo da iconostase.

Uma tradição diz que o primeiro iconista teria sido São Lucas e que o primeiro ícone que este evangelista pintou foi o da Virgem Maria, quando esta ainda vivia. Entretanto, existe também a versão do *Mandylion* (8), o ícone de Cristo por Cristo.

As representações iconográficas, para os ortodoxos, podem ser compreendidas como

7 Parede divisória que separa o santuário da nave do templo. Essa parede possui três aberturas para a passagem dos celebrantes e dos outros ministros. O ícone de Emaús, ou da Santa Ceia, é colocado sobre a abertura central. Do lado direito estão os ícones do Salvador e do esquerdo, o da Mãe de Deus. Os ícones dos apóstolos, doutores e mártires da igreja ficam ao lado ou no alto dessa divisória.

8 Refere-se a um tecido no qual Cristo teria enxugado seu rosto e o enviado ao rei Abgar de Edessa, que sofria de lepra. Abgar teria enviado um emissário de nome Ananias até Jesus com uma carta relatando o seu problema e pedindo a cura. Jesus, ao ler a carta, pede que se traga água para lavar seu rosto e uma toalha; nela Cristo imprime a imagem de seu rosto e a entrega para Ananias com outra carta, na qual louva a fé do rei, oferecendo-lhe a vida restabelecida.

exemplos a serem seguidos em sua vida, e intensificam a intimidade respeitosa que eles têm com a dimensão mística em seu cotidiano. Uma força que os leva a encarar a vida num estágio de maior esperança, e principalmente a fazer com que procurem exaltar em sua pessoa a *Imago Dei*, recordando-lhes que, enquanto obra do Pai, receberam centelha da substância divina, a qual deverá cada vez mais intensificá-la em si, com o objetivo também de serem um ícone vivo de Jesus Cristo.

“Quantos fiéis ortodoxos, ainda hoje, se recolhem a orar junto com a um ícone, com a confiança de um encontro benéfico, de uma realidade pessoal embora invisível! E quantos, através dos séculos, têm experimentado a eficácia de tais encontros pela própria transformação pessoal! (‘Se esforça para imitá-los [...]’)” (Donadeo, 1996, p. 20).

Um aspecto doutrinário: o culto à mãe de Deus entre os ortodoxos

Um fenômeno muito importante na Igreja Ortodoxa prende-se à devoção dos ortodoxos à Virgem Maria, consagrada como Theotokos: junção dos vocábulos gregos *theós* (deus) e *tokos* (mãe). Pode-se afirmar que existe praticamente um culto à Virgem paralelo ao do próprio Cristo. Ela é considerada pelos fiéis o caminho seguro para se chegar ao Salvador, a mulher extraordinária, mãe de Deus e dos homens que em constante estado de oração intercede por seus filhos terrenos e por toda a humanidade junto a seu Filho.

Para maior compreensão dessa condição que deixa a Theotokos próxima ao mesmo grau de importância dedicado ao Unigênito de Deus-Pai, recorre-se novamente a Pedro Arbex:

“Na igreja [...] ao ouvir aqui o nome de Maria, os fiéis costumam fazer uma inclinação da cabeça em direção ao ícone da Mãe de Deus, dirigindo-lhe uma das saudações

seguintes: ‘A Ela, a mais nobre das saudações’ ou ‘Em vós depósito toda minha esperança’, ou ‘Ó Santíssima Mãe de Deus, salvai-nos’” (Arbex, 2001, p. 42).

Como já se viu, a confirmação de Maria como Theotokos, deu-se no Concílio de Éfeso (431), contra a tese nestoriana que negava essa condição em Maria, delegando-lhe o papel de Christotokos, mãe de Cristo e não mãe de Deus. A grande devoção mariana pelos ortodoxos é visível na diversidade de ícones confeccionados em sua homenagem, chegando a ultrapassar os que são pintados para representar a face de Cristo.

Da Igreja Ortodoxa Russa, pode-se retirar os mais belos exemplos da iconografia mariana, destacando a *Virgem de Vladimir*, pintada por Andrej Rublev (século XVI), considerado o maior dos iconistas russos. Ainda dentro desse contexto, deve ser citado o hino sem título denominado *a posteriori* de *Akathistos* (9), uma das mais singelas homenagens direcionadas a Theotokos.

DESMEMBRAMENTO E DISPERSÃO DAS IGREJAS

Conforme escrito anteriormente, muitas heresias marcaram a história do lado oriental da igreja (séculos IV-VII) que levaram a um definhamento do prestígio dos patriarcados de Jerusalém, Alexandria e Antioquia, que junto a Roma e Constantinopla formavam a Pentarquia de Patriarcados Apostólicos. Isso acabou por elevar o prestígio de Constantinopla no que toca à defesa da ortodoxia cristã. Todavia, a história demonstrou que, nos períodos pós-cisão, o patriarca constantinopolitano foi por sua vez perdendo seu poder com as independências proclamadas e aceitas de outras igrejas também reconhecidas como ortodoxas, ficando com um número bastante reduzido de igrejas dependentes diretamente de sua jurisdição canônica. Essas igrejas autônomas são compostas pelos seguintes patriarcados: Constantinopla,

9 *Akathistos* é o termo grego que indica a postura corporal e espiritual dos fiéis que escutam ou cantam o hino, que é, em verdade, um longo poema de homenagem à vida da Theotokos, que soube suportar com dignidade a missão que lhe foi confiada pela Onipotência. Sobre o autor dessa obra não se tem nenhum conhecimento.



Alexandria, Antióquia, Jerusalém, Igreja da Rússia, Igreja da Romênia, Igreja da Grécia, Igreja da Bulgária, Igreja de Chipre, Igreja da Polônia, Igreja da Albânia, Igreja da Geórgia. Apesar de terem se tornado independentes, essas igrejas reconhecem o patriarca de Constantinopla como *Primus Inter Pares* (título honorífico).

Essas igrejas, que hoje se encontram na condição de autonomia, foram, através dos tempos, tornando-se independentes da jurisdição de Constantinopla por uma série de motivos, contudo, não se demonstrou nessas separações qualquer situação que evidenciasse atitudes forçadas em litígios. Muitos foram os fatores que levaram a tais separações que, sob aspecto algum, podem ser compreendidas como cismas. Como exemplo desses fatores, cite-se a invasão turca de Constantinopla por Mohamed II, no ano de 1453. A partir dessa data, o Império Bizantino, depois denominado Otomano, passa a ter como principal forma de religiosidade o islamismo. A Catedral de Santa Sofia, na época o maior monumento à Cristandade, foi transformado em mesquita muçulmana por exigência daquele invasor. Evidentemente, isso levou ao enfraquecimento do cristianismo ortodoxo, uma vez que sua sede não é mais regida por um governo cristão.

Outro exemplo nos é dado pela Igreja Ortodoxa da Grécia, país que ficou sob o domínio do Império Otomano de 1821 a 1830. Nesse mesmo ano, um sínodo da Igreja Ortodoxa daquele país solicitou sua independência em relação ao Patriarcado Constantinopolitano, que acabou reconhecendo-a em 1850. O líder da Igreja Grega, todavia, não se assumiu como patriarca e sim como arcebispo de Atenas.

Como se nota, muitos processos de independência das Igrejas Ortodoxas ocorreram por motivações de ordem política e nacionalista, como foi o caso da Igreja da Albânia, comentado por El Hajj:

“A Igreja da Albânia [...], vizinha da Grécia, constituía uma diocese dependente do Patriarcado Ecumênico. Com a Independência adquirida em 1912, desenvolveram-se os

esforços em prol da independência religiosa, também. Contudo, a eclosão da Primeira Guerra Mundial naquele tempo não permitiu a concretização desse anelo. Em 1926, porém, o Patriarcado Ecumênico reconheceu a independência da Igreja Albanesa; mas a Itália, que ocupou esse país pelas armas, impediu a proclamação oficial do alvará religioso, enquanto instigava os albaneses a não aceitá-lo. Quando se restabeleceu a independência do país, o governo da Albânia enviou uma delegação oficial integrada pelo arcebispo de Tirana e um ministro de Estado, para solicitar essa graça ao Patriarcado Ecumênico em Istambul. Após várias conferências que se prolongaram durante muito tempo, o Patriarcado expediu o alvará, reconhecendo a independência da Igreja Albanesa Ortodoxa sob a chefia do arcebispo de Tirana, no ano de 1937” (El Hajj, 1971, p. 137).

De qualquer forma, não há como negar que a expansão da Igreja Ortodoxa se deu quase sempre em termos da independência das novas igrejas. O Patriarcado de Jerusalém foi o primeiro a consegui-lo, ainda no século IV, quando do Concílio de Nicéia, tendo sua confirmação no Concílio Calcedoniano, século V. Sobre a independência desse patriarcado localizado no berço do cristianismo, Roberto Khatlab, em seu livro *As Igrejas Orientais – Católicas e Ortodoxas: Tradições Vivas*, afirma:

“[...] a cidade de Jerusalém, por seu tamanho, constituía uma pequena diocese dependente do Arcebispado de Cesaréia e este dependente do Patriarcado de Antióquia, até que, em 325, o Concílio de Nicéia declarou autonomia da Igreja de Jerusalém e no Concílio de Calcedônia (451) o seu bispo, Juvinélio, recebeu o título de Patriarca, passando assim ao quinto lugar de precedência após o Patriarcado de Antióquia (Roma, Constantinopla, Alexandria, Antióquia e Jerusalém). Com isso, o Patriarcado de Jerusalém se desenvolveu rapidamente, adquirindo mais prestígio e aumentando o número de Dioceses, igrejas, mosteiros, instituições religiosas[...]” (Khatlab, 1997, p. 80).

No tópico que trata das independências das Igrejas Ortodoxas em relação ao Patriarcado Ecumênico de Istambul (antiga Constantinopla), deve-se refletir que o nacionalismo, embora tenha sido um elemento de peso para tais desmembramentos, não pode obscurecer o fato de a sede ecumênica haver sido cerceada por um governo islâmico que ainda impõe rígidas regras ao cristianismo ortodoxo em suas jurisdições. A Catedral de Santa Sofia pode ser tomada como exemplo: mesmo após ter deixado de ser uma mesquita, a catedral não retornou às mãos do Patriarcado, tendo sido transformada em museu nacional, enquanto o Palácio de Fanar (O Farol), nas imediações da cidade, acabou sendo destinado como sede patriarcal.

Em síntese, as igrejas que ainda têm dependência canônica do Patriarcado Ecumênico são poucas, e as que se apartaram de seus patriarcados locais, jurídica e geograficamente, são as seguintes:

- Igreja Greco-Americana – Católica Ortodoxa;
- Carpático – Russa;
- Igreja Ucraniana da América e do Canadá;
- Arquidiocese Russa na Europa Ocidental;
- Diocese Albanesa da América;
- Monte Athos (Grécia) (10);
- Dodecanesso (11).

Convém registrar que, quando na diáspora, essas igrejas autonomizadas voltaram à jurisdição do Patriarcado Ecumênico.

A IGREJA ORTODOXA NO BRASIL

A Igreja Ortodoxa na América Latina, principalmente no Brasil, está presente em numerosas paróquias oriundas de vários patriarcados, bem como outras da imigração que estão canonicamente ligadas ao Patriarcado Ecumênico.

No município de São Paulo por exemplo existem na região central representações

importantíssimas: a Igreja Ortodoxa de Antióquia, localizada no bairro do Paraíso, a Catedral de São Pedro e São Paulo, sede do Arcebispado Metropolitano (Arquidiocese de São Paulo e todo o Brasil), que atende à comunidade sírio-libanesa paulista, além de manter uma instituição de ensino e asilos para idosos, um em Santo Amaro, Zona Sul e outro no bairro do Tatuapé, na Zona Leste. Essa igreja tem templos na cidade de Santos e interior paulista, além de outras paróquias distribuídas pelos estados brasileiros.

Muito expressiva também é a presença da Igreja Grega Ortodoxa, dependente eclesiasticamente da Arquidiocese Grega da América do Norte e Sul, que responde ao Patriarcado Ecumênico. Dessa denominação, estão no município de São Paulo a Catedral de São Pedro, localizada à Rua Bresser, no bairro do Brás, e a Paróquia Ortodoxa da Dormição da Santa Mãe de Deus, no bairro do Cambuci. Contam-se templos também no Sul do Brasil, destacando-se, em Florianópolis, a Igreja de São Nicolau.

O bispado greco-ortodoxo responsável pelas paróquias brasileiras e dos países sul-americanos localiza-se na Argentina, mais precisamente em Buenos Aires.

A Igreja Ucraniana, ligada à Igreja Metropolitana de Nova York, iniciou suas atividades em terras brasileiras ainda no século XIX. É uma das igrejas ortodoxas que conta com maior número de atividades em território nacional, no tocante a paróquias e formação de seminaristas. Os primeiros núcleos de ucranianos ortodoxos no Brasil se instalaram nas seguintes localidades do estado do Paraná: Dorizon, Antônio Olinto, Cruz Machado, Marco Cinco, Gonçalves Júnior, São Roque, Curitiba, Piraquara, Guajuvira, Iapó (Castro), Joaquim Távora, Nova Ucrânia e Maringá e, após a Segunda Guerra Mundial, em Palmital e Ponta Grossa. Dessa denominação, encontram-se ainda paróquias no estado de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Neste último, as comunidades ortodoxas ucranianas fixaram-se na Grande São Paulo: Osasco e São Caetano do Sul. No ano de 2002, os ucranianos ortodoxos fundaram, em Curitiba, ao lado da Catedral de São Demétrio, o Seminário Santos Cirilo

10 Monte Athos: reconhecido pelo nome grego Aghion Oros ("montanha santa"), localizado no litoral das três quase ilhas da Península de Calcídique (Grécia), a 2.033 metros de altura, com 336 km de extensão. Os mosteiros lá instalados guardam rico patrimônio cultural, incluindo originais de epístolas paulinas. Politicamente está sob os auspícios do governo grego e canonicamente responde ao Patriarcado Ecumênico de Constantinopla.

11 Conjunto de doze ilhas no Mar Egeu, próximo à costa turca da Ásia Menor, das quais a principal é Rhodes.

e Metódio, para que os vocacionados não precisem sair do Brasil para sua formação sacerdotal, como ocorre entre outras igrejas ortodoxas aqui instaladas. Das igrejas aqui apresentadas, todas são de rito bizantino (12), sendo sua liturgia cantada na língua pátria, evidenciando-se a manutenção das tradições da terra natal. São igrejas de imigração, voltadas ao atendimento de suas comunidades, o que revela um certo fechamento, fundamentado em um etnicismo peculiar a todas elas, apesar de pretenderem-se católicas e apostólicas, isto é, universais.

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio – São Paulo (SP)

Essa igreja revela um caso exemplar de religião universal etnicizada e reflete um apelo radical aos preceitos ortodoxos, que eventualmente poderão ser descaracterizados pelo processo emigratório.

Desvinculada do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, bem como do Patriarcado de Moscou, essa igreja está subordinada à Jurisdição Eclesiástica de Buenos Aires e América do Sul, ligada à Metrópolia (Arcebispado) de Nova York, em Manhattan, sob a responsabilidade de Sua Ema. Revma. Metropolita Lauro Skurla.

Sua separação do Patriarcado de Moscou deu-se em 1927, após a deposição e assassinato do patriarca Thicon, que se negou a submeter-se às regras impostas pelo Estado soviético à religiosidade ortodoxa. Entretanto, um metropolita de nome Sérgio assumiu-se favorável às limitações impostas pelo Estado socialista ao clero ortodoxo russo, tornando-se o homem de confiança do governo soviético no meio clerical. Isso ficou conhecido como a “heresia do sergianismo”.

Por considerar que o Patriarcado de Moscou estava preso ao ateísmo do sistema soviético, um grupo de padres discordantes daquela situação passou a acompanhar refugiados e outros imigrantes russos em

outros países. Parte deles veio estabelecer residência no Brasil. Deve, porém, ser esclarecido que, antes dessa cisão no meio ortodoxo russo por ocasião da intervenção do Estado socialista na igreja, houve outra separação por parte de um grupo de fiéis quando ainda vigorava o regime monárquico dos czares (13).

Importante esclarecer que muitos russos ortodoxos (padres e fiéis), mesmo sem se guiarem para o exílio, não ficaram favoráveis ao sergianismo e à normatização religiosa imposta pelo Estado. Isso os obrigou a levar uma vida de clandestinidade religiosa dentro de sua própria pátria. Essa igreja rebelde e perseguida foi denominada “Igreja das Catacumbas”, numa analogia ao cristianismo em sua fase primordial. A perseguição aos fiéis da Igreja das Catacumbas foi suspensa quando o *premier* Mikhail Gorbachev implantou a perestroika, em 1990.

Esse ramo da Igreja Russa mantém no município de São Paulo diversos templos, fundados entre as décadas de 30 e 50 do século passado. Essas comunidades paroquiais na cidade estão localizadas nos seguintes bairros: Vila Alpina; bairro da Liberdade (Catedral de São Nicolau), Pedreira – Santo Amaro, Vila Zelina e Moema (14). Resalta-se, ainda, que a igreja mantém uma comunidade em Carapicuíba, na Grande São Paulo, e outra em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Dados obtidos na pesquisa realizada na Paróquia de São Sérgio de Radonej, em Moema, deixam perceber a importância da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio para os seus fiéis, pois ela preservou todo o conjunto de tradições culturais sufocadas pela Revolução Socialista de 1917: língua, calendário, folclore, dentre os demais elementos culturais de um povo que foi obrigado a emigrar. Registra-se, portanto, que a igreja se responsabiliza não só pela espiritualidade, mas também por aspectos profanos que expressam tradições culturais do grupo que englobam e transcendem a esfera religiosa. Na ausência de outras instituições associativas, tais como clubes, agremiações e centros culturais russos no Brasil, delegou-se à igreja essa respon-

12 Não foram incluídas as denominações pré-calcedonianas, ou seja, igrejas que não estão em comunhão com as igrejas favoráveis às decisões do Concílio de Calcedônia, que refutou a tese monofisista de Eutiques: Ortodoxas e Católica Romana. No Brasil, porém, existem representações relativas a essa denominação monofisita que também se autoproclama ortodoxa, contando com um número considerável de templos e fiéis no município de São Paulo: Igreja Ortodoxa Armênia de São Jorge, no bairro da Luz; Igreja Sírio-Jacobita Santa Maria, no bairro de Mirandópolis; Igreja Ortodoxa Sírio-Jacobita Santo Antônio, na Vila Mariana; Igreja Copta Ortodoxa São Marcos, na região de Jabaquara. No que se refere ao rito dessas igrejas, existe uma diferença em relação ao bizantino, como por exemplo o rito de São Thiago.

13 O fato ocorreu no século XVII, a partir de uma reforma litúrgica proposta pelo patriarca Nikon. Contrário à reforma proposta, um grupo separou-se para construir a Igreja dos Velhos Crentes (Raskolniki). Por isso foram excomungados pela Igreja Ortodoxa Russa em 1667. Os Raskolniki, todavia, sobreviveram e mantêm ainda comunidades na própria Rússia e na Diáspora, principalmente nos Estados Unidos e Canadá, divididos em duas organizações: Popovci (com sacerdotes), ou seja, o ato litúrgico é celebrado por um padre; e Bespopovci (sem sacerdotes), para esse grupo o ato litúrgico é celebrado por leigos.

14 Essa igreja localizada no bairro de Moema (SP) foi erigida em homenagem a São Sérgio de Radonej. No dia 18 de julho de 2005, ocasião em que se comemorava o aniversário da paróquia, foi possível, através da pessoa do Revmo. Padre Vladimir Petrenko, pastor daquela comunidade, obter informações importantes e conclusivas para este artigo.

sabilidade de manutenção da identidade desse povo.

Para esses fiéis, a igreja tem vital importância fora das fronteiras da pátria. É parte integrante e norteadora da vida do emigrado para que não se desvançam suas estruturas morais, espirituais e todo seu contexto cultural de origem. Além disso, propicia o contato entre seus pares étnicos. Em suma, a religiosidade fluindo pela igreja atua como elemento de interação entre essas pessoas que aqui escolheram para dar continuidade a suas vidas, sem perder de vista a suas origens. Contudo, ainda que se preservando, notam-se algumas mudanças na igreja, relacionadas principalmente à liturgia, em especial na questão da língua. Em geral as missas são cantadas em eslavônico (15), não em russo. O eslavônico não é uma linguagem de domínio popular, mas sim uma língua adotada pela igreja. Por isso, para se tornar inteligível aos fiéis, alguns momentos nas celebrações são feitos em português. Isso leva o fiel que não domina o eslavônico a procurar aprender a língua portuguesa.

A Igreja Ortodoxa Russa no Exílio se abre em relação aos brasileiros que, em número considerável, têm procurado a “Doutrina em retidão”. Por esse motivo, pelo menos uma vez no mês ocorre o culto em sua totalidade, celebrado na língua portuguesa. Evidentemente, a inserção do português na liturgia causou um certo foco de descontentamento entre alguns fiéis arraigados em um conservadorismo radical, mas isso não levou a qualquer espécie de ruptura da igreja.

No capítulo referente ao “abrasileiramento” é interessante registrar que não há qualquer impedimento à ordenação de padres brasileiros que não tenham ascendência eslava; contudo, a preparação do candidato torna-se difícil, uma vez que todo o procedimento no tocante aos estudos e aprendizado da língua, caso o vocacionado não tenha o domínio da mesma, é feito fora do Brasil, em Jordanville (norte do estado de Nova York). No Brasil ainda não foi criado um seminário mantido por essa instituição (16).

Os padres que vão ingressar nesse ramo da doutrina ortodoxa têm suas ordenações feitas por Sua Ema. Revma. Dom Alexandro Mileante, bispo de Buenos Aires e de toda a América do Sul. Infelizmente (conforme opinião dos padres), a Igreja não tem demonstrado interesse pela educação formal. Não possui escola voltada ao ensino fundamental e médio, fato este considerado pelos próprios clérigos uma falha. Em compensação, mantém escolas paroquiais onde se ministram cursos voltados ao ensino básico da língua russa para leigos, além de aulas de catecismo. No capítulo assistencial, a igreja mantém, no bairro de Jardim Marajoara, em São Paulo, um asilo para idosos de todas as etnias – o Asilo de São Nicolau.

A Igreja Ortodoxa Russa no Exílio é totalmente contrária às práticas ecumênicas, portanto, não detém quaisquer relações com outros patriarcados ortodoxos, o que inclui, além do estabelecido em Moscou, também o de Constantinopla, pois ambos são favoráveis à política ecumênica. No tocante às igrejas reformadas, o que há é um respeito às igrejas históricas da Reforma, mas nenhuma prática religiosa em conjunto é concretizada. Também os sacramentos do catolicismo romano não são válidos entre os russos do exílio, o que indica uma negação ao acordo entre o papa Paulo VI e o patriarca ecumênico Athenágoras I, firmado na década de 60, no século XX (17).

A opinião é de que se os russos ortodoxos do exílio se abrissem para o ecumenismo, como outras igrejas apostólicas o fizeram, estariam compactuando com religiosidades não-cristãs, como as religiões afro, o judaísmo e as seitas que têm origem no Extremo Oriente (budismo e xintoísmo) e que não reconhecem Jesus Cristo como Filho Unigênito de Deus e salvador da humanidade. Para os russos ortodoxos no exílio, a prática ecumênica é uma heresia.

Aspecto interessante refere-se às canoizações de santos na doutrina ortodoxa. Existe uma particularidade entre elas no que toca à devoção a essas personagens místicas.

Ao lado dos santos “universais” (santos apóstolos e mártires dos primeiros séculos),

15 A linguagem eslavônica é uma linguagem ritual, tal qual o latim era para a Igreja Católica Romana. Sobre ser o eslavônico a língua oficial dos serviços litúrgicos na Igreja Russa, salienta-se que foi uma criação do padre constantinopolitano Cirilo, também conhecida como alfabeto cirílico. No século IX Cirilo recebeu do patriarca Fócio a missão de cristianizar o Leste Europeu junto a seu irmão Metódio. Isso culmina com a deflagração do cristianismo orientalizado para regiões além do Oriente e Grécia, uma vez que essa tentativa, já empreendida pelos padres latinos naquela região geográfica, ainda muito presa aos conceitos pagãos locais, resultou em fracassos amargados pelos latinos.

16 No Brasil existiu um mosteiro feminino no município de São Paulo, localizado no bairro de Vila Alpina, funcionando na década de 50 do século XX. Todavia, a falta de vocações levou a igreja a encerrar suas atividades e, até o momento, não houve interesse, por parte dos dirigentes da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio, na criação de outra instituição desse tipo.

17 No ano de 1962, iniciou-se uma conversação para a restituição da paz entre as duas igrejas, quando da visita do papa Paulo VI ao patriarca ecumênico de Constantinopla, Athenágoras I. Três anos mais tarde, ocorre a reconciliação entre as duas metades divididas que, por mil anos, mantiveram-se em silêncio profundo. Nessa reconciliação, ficou acordado que os excomuniados das duas partes não mais existiriam e que os sacramentos da Igreja Ortodoxa seriam reconhecidos pela Igreja latina e vice-versa. Essa reconciliação, todavia, não unificou as duas igrejas que, mesmo estabelecendo hoje um diálogo de cordialidade, mantêm-se separadas.

há os santos locais. Os primeiros são venerados no universo global apostólico, já os locais das diversas denominações ortodoxas não se inserem nesse universo. Assim sendo, exemplifica-se que os santos da Igreja Grega Ortodoxa não são reconhecidos no calendário da Igreja Russa do Patriarcado Moscovita, dos russos no exílio, dos cipriotas ortodoxos, dos romenos, antioquenos e demais tementes a essa confissão.

Quanto aos santos comuns a todas as igrejas ortodoxas e à Igreja Católica Apostólica Romana, são aqueles reverenciados até o cisma, que teve seu princípio em 1054. Após essa data, houve um não-reconhecimento recíproco das canonizações procedidas por ambas as partes. Deve-se, porém, esclarecer que os santos entronizados na Igreja Russa Ortodoxa, antes de sua cisão em 1927, dada a questão do sergianismo, eram comuns às duas, visto o fato de ser a mesma igreja. Após essa cisão russa, os santos reconhecidos pelo Patriarcado de Moscou não são venerados pelos exilados e vice-versa. Entretanto, um aspecto polêmico e recente nesse campo das santificações prende-se à canonização da família Romanov, que governou o Império Russo até 1917, data em que ocorreu a Revolução Socialista, quando toda a família foi executada pelo governo soviético implantado após a insurreição.

Ocorre que em 1997 a Igreja Ortodoxa Russa no Exílio canonizou a família Romanov, e no ano 2000, após o fim do regime soviético na Rússia, o Patriarcado de Moscou também procedeu à canonização da família real. Ficou então a polêmica interrogação: qual das duas canonizações é válida, uma vez se tratar dos mesmos personagens? Os russos no exílio reivindicam para si essa legitimidade pois foram os primeiros a consagrar os Romanov. Há, todavia, por parte de Moscou, uma réplica em relação a tal canonização, que argumenta que a validade dessa canonização reside em sua igreja.

Algumas festas comemoradas pelos russos da igreja no exílio são comuns às demais igrejas da doutrina ortodoxa e à Igreja Católica Apostólica Romana, ainda que exista em relação a esta última uma di-

ferenciação nas datas. Dessas solenidades, são destacadas as seguintes: Nascimento da Virgem Maria, Apresentação da Virgem ao Templo, Festa da Anunciação, Dormição da Mãe de Deus, Festa da Natividade de Jesus, Apresentação de Jesus ao Templo, Festa do Domingo de Ramos, Festa da Ressurreição de Cristo (a mais importante festa na Igreja Ortodoxa), Pentecostes, Exaltação da Santa Cruz e Transfiguração de Jesus Cristo.

A título de exemplos voltados para as igrejas russas, citam-se as festas em louvor a São Sérgio de Radonej (1314-1392) e a São Serafim de Sarov (1759-1833), que têm suas datas comemoradas pelas duas igrejas. Seguem-se também as comemorações aos padroeiros, os quais são homenageados com seus nomes nas paróquias, bem como celebrações do tempo de vida das mesmas, ou seja, as datas de suas fundações.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão deste artigo, deve ser esclarecido que a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, entre as demais, pode ser considerada a que mais fidelidade guarda aos preceitos ortodoxos. Ela não se permitiu mesclar-se com outras igrejas, as quais reprova por deixar-se levar a uma flexibilização exagerada da doutrina ortodoxa, desviando-se da tradição. Manteve-se fiel a seus rituais, à observação do antigo calendário e aos jejuns necessários.

Mesmo em meio a algumas dificuldades, procura manter seu corpo de alguns milhares de fiéis, sintonizando-os no conjunto de tradições não só religiosas mas de todo o contexto cultural originário da pátria de seus ancestrais. Esse esforço de preservação religiosa e cultural visa a evitar o que ocorreu com outros emigrados instalados no Brasil e em países da América Latina, que, através dos tempos, deixaram-se aculturar, permitindo assim o desaparecimento de sua cultura de origem, dessa forma, legando ao esquecimento

sua herança nacional, pondo fim às suas identidades originais (18).

Com os russos ortodoxos do exílio, o processo aculturativo encontra grande restrição, pois os fiéis têm nessa igreja uma instituição que, além de cuidar da vida espiritual de seu povo, ainda luta pela

continuidade das lembranças culturais de uma terra deixada por imposições políticas radicais, sem alternativas de retorno. Em síntese, a Igreja Ortodoxa Russa no Exílio cultua uma religião universal circunstancialmente étnica, isto é, uma religião universal etnicizada.

18 Um outro detalhe importante da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio é em relação à imigração sérvia que, por não ter aqui sua representação religiosa, esporadicamente é atendida por essa igreja, mas não se deve considerar a comunidade sérvia como parte integrante dessa denominação ortodoxa russa, por não manter a assiduidade necessária nos ofícios religiosos desenvolvidos em seu templo.

BIBLIOGRAFIA

- ARBEX, Pedro. *A Divina Liturgia Explicada e Meditada: Introdução à Liturgia Bizantina*. 6ª ed. Aparecida, Santuário, 2001.
- ATTWATER, Donald. *Dicionário de Santos*. São Paulo, Art Editora, 1991.
- BEHR-SIGEL, Elizabeth. *Oração e Santidade na Igreja Russa*. São Paulo, Paulinas, 1993.
- CAMINO, Rizzardo da; LOIACONO, Mauricio. *A Senhora da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil*. Rio de Janeiro, Aurora, 1996.
- DONADEO, Maria. *Ícones: Imagens do Invisível*. São Paulo, Paulinas, 1996.
- EL HAJJ, Georges. *A Igreja Ortodoxa no Mundo*. Rio de Janeiro, Aurora, 1971.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias (Sécs. I-VIII) – Conflitos Ideológicos dentro do Cristianismo*. 2ª ed. São Paulo, Paulus, 1995.
- GHARIB, Georges. *Os Ícones de Cristo: História e Culto*. São Paulo, Paulus, 1997.
- KALA, Thomas. *Meditações sobre os Ícones*. São Paulo, Paulus, 1995.
- KARENIN, Jerzy Berkman. *Doutrina Cristã Ortodoxa*. São Paulo, Santa Igreja Grego-Ortodoxa do Brasil, 1957.
- KHATLAB, Roberto. *As Igrejas Orientais – Católicas e Ortodoxas: Tradições Vivas*. São Paulo, Edições Ave Maria, 1997.
- PASSARELI, Gaetano. *O Ícone da Mãe de Deus*. São Paulo, Edições Ave Maria, 1996.
- RIBEIRO JR., João. *Pequena História das Heresias*. Campinas, Papyrus, 1989.
- RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- SABATELLI, Mihail (org.). *A Divina Liturgia no Rito Bizantino-Eslavo: Pequeno Missal da Liturgia Bizantina com as Anáforas de São João Crisóstomo e de São Basílio o Grande*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1995.
- SARTORIUS, Bernard. *A Igreja Ortodoxa*. Lisboa, Verbo, 1982.
-